

**ΣΥΜΒΟΛΑ, ΣΥΝΘΗΜΑΤΑ Ε ΕΙΚΩΝ:
APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO
DOS SÍMBOLOS TEÚRGICOS E IMAGEM NO
De MYSTERIIS DE JÂMBLICO**

**ΣΥΜΒΟΛΑ, ΣΥΝΘΗΜΑΤΑ AND ΕΙΚΩΝ:
NOTES ON THE RELATION OF THEURGIC SYMBOLS
AND IMAGE IN IAMBlichus' *De MYSTERIIS***

JULIO CESAR MOREIRA*

Resumo: No *De Mysteriis*, Jâmblico inova o uso dos termos *symbolon* e *synthêma* aplicando-os no contexto do ritual teúrgico para se referir a símbolos que habilitam uma conexão ontológica com o divino. Portanto, para compreender a defesa de Jâmblico da Teurgia é fundamental que se entenda o uso que ele faz desse vocabulário. Este artigo busca evidenciar se há na obra nuances que distingam os termos *symbolon* e *synthêma* e em que medida os símbolos teúrgicos se articulam por meio de imagens e representações (*eikónas*).

Palavras-chave: Jâmblico; Teurgia; símbolos; Neoplatonismo.

Abstract: In *De Mysteriis*, Iamblichus innovates the usage of the terms *symbolon* and *synthêma* applying them in the context of the theurgic ritual so as to attribute them the meaning of symbols that establish an ontological link with the divine. Therefore, it is important to understand Iamblichus' usage of those words for the comprehension of his defense of theurgy. This article seeks to clarify if there are in the work nuances that distinguish the terms *symbolon* and *synthêma* and to what extent the theurgic symbols can be articulated by means of images and representations (*eikónas*).

Keywords: Iamblichus; Theurgy; symbols; Neoplatonism.

As noções expressas nos termos *symbolon* e *synthêma* são fundamentais para a argumentação de Jâmblico no *De Mysteriis*, a respeito da eficácia do ritual teúrgico¹. No estudo de Peter Struck (2004), vê-se como anteriormente

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. E-mail: jcesar.moreira@hotmail.com.

¹ I.e., aquele no qual verdadeiramente há manifestação divina.

a Jámblico já havia uma longa tradição de entendimento do uso desses vocábulos enquanto “símbolos” que expressam uma manifestação linguística velada, de mistérios ocultos². Porém, Jámblico, herdeiro dessa tradição, aplica esse vocabulário de um modo inédito ao contexto ritualístico³.

No *De Mysteriis*, *synthêma* e *symbolon* expressam uma ponte mediadora que consolida a realidade sensível com o reino inteligível. Faz, por exemplo, ser possível reconhecer em um objeto sensível a manifestação material de uma corrente oriunda da realidade inteligível imaterial que a fundamenta. No particular contexto metafísico do neoplatonismo de Jámblico, *symbola* e *synthêmata* não são sinais arbitrários, mas traços ontológicos do divino e inseparáveis do mundo sensível⁴. Símbolos são, dessa maneira, elementos essenciais do ritual teúrgico por estabelecerem uma conexão ontológica eficaz, direta e inefável com o divino⁵. Nesse contexto, *symbola* e *synthêmata* podem ser entendidos como símbolos-chave, sendo um ponto de consolidação entre a realidade sensível e a realidade inteligível da qual deriva e participa. Essa consolidação do princípio inteligível no mundo sensível na forma de símbolo deve ser correlata ao simbolizado,

² Peter Struck (2004) elaborou um estudo sobre o desenvolvimento da noção de “símbolo” desde Homero até as práticas teúrgicas da antiguidade tardia em Jámblico e Proclo. É bem sabido que os pitagóricos eram reconhecidos pela tradição de se expressarem em “símbolos”, sugerindo uma sabedoria secreta (cf. STRUCK, 2004, p.214). Nota-se, contudo, que dentro da exegese textual neoplatônica esses termos tiveram sua própria aplicação. Struck aponta que Porfírio, na sua obra *A Caverna das Ninfas*, aplica o termo *symbolon* referindo-se a uma “imagem literária alegórica que comunica uma mensagem oculta” (Ibid.). Todas as traduções de textos em outros idiomas neste artigo são de nossa autoria.

³ *Symbolon* e *synthêma* são termos utilizados, de certa forma, como sinônimos já nos *Oráculos Caldeus*, e no *De Mysteriis* aparentemente continuam sendo. Todavia, nem nos *Oráculos Caldeus* e nem no *Corpus Hermeticum* o *symbolon* é expresso em conexão com os atos rituais (cf. STRUCK, 2004, p.216-217). Peter Struck compara a adaptação do termo em Jámblico a uma equivalência com o termo talismã entendido por “um símbolo-chave (*token*) com alguma forma de conexão eficaz para aquilo que pretende representar” (STRUCK, 2004, p.204).

⁴ Assim explica Peter Struck (2004, p.221): “...o mundo material é fabricado por representações, mas é significante (ou seja, tem uma dimensão semântica) por ser um *synthêma-symbolon*. A imagem (*eikôn*) marca o mundo material em seu status como uma débil representação de um princípio maior, mas o mundo visto como símbolo indica seu *status* como uma manifestação – isto é, algo que age de acordo com as lógicas de seu rastro, com a capacidade de apontar-nos de volta às ordens mais elevadas que a produziram.”

⁵ Como nota Crystal Addey (2014, p.30-31): “Crucialmente, no contexto teúrgico, símbolos eram considerados como portadores de uma ‘conexão ontológica’ com a coisa que eles simbolizavam: isso encapsula uma diferença vital do sentido moderno do termo, o qual usualmente designa uma mera representação metafórica da coisa simbolizada.”

transmitindo, assim, no contexto adequado, a expressão de sua potencialidade enquanto símbolo. Desse modo, o potencial imanente do símbolo é expresso, e o simbolizado é manifesto ou “revelado”, contanto que tenha sido corretamente aplicado⁶. Todavia, conforme explica Jâmblico, não é qualquer objeto que é válido ou discernível em suas respectivas relações:

E, ao mesmo tempo, nada impede os seres superiores de serem capazes de iluminar os inferiores, ou ainda, por consequência, a matéria não é excluída da participação nos seus melhores, de modo que um tanto dela sendo perfeita e pura e de bom tipo, não é inadequada para receber os deuses (...). Observando isso, e descobrindo em geral, de acordo com as propriedades de cada um dos deuses, os receptáculos apropriados para eles⁷, a arte teúrgica, em muitos casos, junta pedras, plantas, animais, substâncias aromáticas, e outras tantas coisas que são sagradas, perfeitas e afins ao divino, e assim, a partir desses, compõe um receptáculo integrado e puro. (*De Myst.*, V.23.233,2-13)⁸

Jâmblico acredita que esses *symbola* haviam sido preservados em rituais pela teologia de sábios como os egípcios (*De Myst.*, VII.1.249,9–250,8). Apesar da declarada transmissão iniciática desses símbolos, Jâmblico deixa clara a intrínseca relação da imagem e representação com a união do símbolo-simbolizado⁹. Há uma passagem no *De Mysteriis*, onde Jâmblico

⁶ Jâmblico afirma que, assim como em qualquer outra *technê*, erros podem ocorrer no processo da *technê* teúrgica, resultando na subversão do poder do ritual e na manifestação de seres inferiores subversivos (*De Myst.*, II.10.91,6-92,5). Todavia, tais erros ocorrem pela ignorância e impureza do executor (*De Myst.*, II.10.92,6-11; II.11.95,12-96,5). Os perigos da execução dos rituais por pessoas poluídas (*μασμοῦς*) são fortemente ressaltados por Jâmblico (*De Myst.*, III.31.176,13-117,6 III.13.130,2-3; III.13.130,3-6; III.13.129,17-18; 131,6-14; III.29.173,2-6; III.31.177,7-12).

⁷ Sabe-se que Jâmblico adotava a doutrina de uma *σείρὰ* divina, i.e., cada divindade é patroa de uma série de seres que se desdobra hierarquicamente através das diversas camadas de realidade, do Inteligível ao reino material. A esse respeito vide: DILLON, 1973, p.291; 416.

⁸ Todas as traduções do *De Myst.* deste artigo são de Clarke; Dillon e Hershbell (2004), sendo de nossa autoria a tradução do inglês para o português.

⁹ No que tange o *eikón* no contexto teúrgico, é importante se pensar em toda a gama semântica contida nesta palavra, que expressa não apenas a imagem de um objeto sensível mas também noções como “representação” e “semelhança” (vide LSJ, s.v.). Como explica Crystal Addey: “Um símbolo pode ser um objeto físico tal como uma planta, uma pedra preciosa, osso, erva ou tipo de incenso ou outro objeto material, conectado com uma divindade específica através do amor divino e afinidade (*sympathy*); pode também ser uma vocalização verbal, uma composição musical, um ritual ou um texto.” (ADDEY, 2014, p.31; cf. também *ibid.*, p.31, n.162). Ademais, tanto no *De Mysteriis*, V.18, como no *De Anima*, 29, Jâmblico subdivide as almas

sugere que certos “trabalhos de Teurgia” funcionam como símbolos, ou que eles “preservam alguma outra imagem”; os termos *symbolon* e *eikôn* são empregados de forma não muito clara, no entanto, Jámblico explicita a analogia entre o *eikôn* teúrgico e a manifestação da forma invisível no mundo natural:

Dos trabalhos de Teurgia que são realizados em qualquer ocasião, alguns tem uma causa que é secreta e superior a toda explicação racional, outros são como símbolos (*ὡς σύμβολα*) consagrados por toda a eternidade pelos seres superiores, outros preservam alguma outra imagem (*εἰκόνα τινὰ ἄλλην ἀποσώζει*), assim como a natureza em suas funções gerativas imprime [sobre as coisas] formas visíveis dos *logoi* invisíveis (*τῶν ἀφανῶν λόγων ἐμφανεῖς τινας μορφὰς*). (*De Myst.*, I.11.37,6-10)

Desse modo, alguns rituais, apesar de ambigüamente descritos “como símbolos” são indissolúvelmente unidos aos deuses; outros, “preservam alguma outra imagem”. Todavia impreciso o uso, fica claro que símbolos e imagens, aqui, não são precisamente a mesma coisa. Mesmo garantindo que falar de “alguma outra imagem” possa sugerir “imagem” como alternativa para símbolo, o que mais se ressalta é a próxima justaposição de “imagem” com a formulação da manifestação física da forma.

Segundo nos afirma a passagem, a “natureza (...) imprime (*ἀπειτυπόσατο*)¹⁰ [sobre as coisas] formas visíveis dos *logoi* invisíveis”. Note-se que há uma coerente elaboração de uma estrutura metafísica fornecida pela analogia entre as formas e as suas manifestações no mundo natural: *eikonas*

humanas em três classes: a massa da humanidade está subjugada pelo domínio da natureza, uns poucos empregam um poder intelectual que está além do natural, e alguns conduzem a si mesmos numa área entre a natureza e o intelecto puro. Segundo o estudo de Gregory Shaw, na Teurgia, a necessidade de símbolos materiais varia para cada uma dessas classes de almas. Só se aplicam os símbolos materiais para as almas mais impuras; para as almas puras, símbolos imateriais; e para as intermediárias, uma mistura de símbolos materiais e imateriais (cf. SHAW, 1995, p.143–152). Conforme explica SHAW (1995, p. 180): “*Sunthêmata* eram as ‘cartas na manga’ do maço cosmológico de Jámblico. Eles revelam a presença dos deuses em qualquer grau de realidade uma vez que cada um era sustentado diretamente por eles. Ainda assim a ascensão de cada alma era gradual, e seu nível particular de apego, somente um encontro com um *sunthêma* daquele nível permitiria a alma proceder.”

¹⁰ Vide análise de SHAW (1995, p.163-64) das ocorrências deste verbo nos escritos de Jámblico demonstrando a finalidade de descrever a fundação da matéria com a forma.

manifestam “*logoi* invisíveis” ¹¹ assim como as “formas visíveis” fazem na natureza. Ou seja, o *eikôn* dá expressão perceptível ao princípio invisível.

A relação dos *logoi* invisíveis e o mundo material é reafirmada numa posterior passagem, onde Jâmblico esclarece sua reverência pelas artes sagradas egípcia e, ao fazê-lo, deixa algumas dessas conexões mais explícitas:

As seguintes dificuldades requerem a mesma Musa teosófica para a sua solução, mas antes de tudo, eu gostaria de explicar a você o modo da teologia praticada pelos egípcios. Pois esse povo, imitando a natureza do cosmos e dos poderes demiúrgicos dos deuses (*τὴν δημιουργίαν τῶν θεῶν μιμούμενοι*), desvelaram certas imagens (*εἰκόνας τινὰς*) de mística inefável e intelectões invisíveis por meio de símbolos (*διὰ συμβόλων*), assim como a natureza imprime os *logoi* invisíveis em formas visíveis através de algum tipo de simbolismo (*ὥσπερ καὶ ἡ φύσις τοῖς ἐμφανέσιν εἶδεισι τοὺς ἀφανεῖς λόγους διὰ συμβόλων τρόπον τινὰ ἀπετυπώσατο*), e a atividade criativa dos deuses indica a verdade das formas em imagens visíveis. (*De Myst.*, VII.1.249,9-250,5)

A afirmação de que os egípcios imitam “a natureza do cosmos” nas suas práticas, sugere um paralelo com a passagem anterior onde “imagem” fornece uma manifestação visível do princípio formal. Essa passagem realmente acrescenta uma dimensão à nossa discussão, na medida em que, explicitamente, traça um paralelo entre as atividades sagradas e cosmogônicas. Os egípcios criaram imagens sagradas do mesmo modo que o demiurgo. Eles fizeram-nas: “assim como a natureza imprime os *logoi* invisíveis em formas visíveis através de algum tipo de simbolismo”.

É-nos dito, com isso, que o simbolismo é a forma pela qual a natureza imprime os *logoi* invisíveis em formas visíveis. E da mesma maneira, os egípcios, nos seus rituais simbólicos, exibem “certas imagens” de “intelectões invisíveis” através do uso dos símbolos. Nessa formulação, é certamente significativo que a imagem é o que os egípcios manifestam exteriormente assim como as formas visíveis são o que a natureza imprime. Já no caso dos *symbola*, eles assumem um papel mediador na criação da imagem exterior, pelo qual inferimos sua participação na dimensão formal. Sendo assim, em Jâmblico os egípcios são entendidos como imitando o trabalho demiúrgico cósmico, como deixa claro a passagem: “Pois esse

¹¹ Como explica Finamore (1998, p.162): “os *logoi* são as razões-princípios ativas do Demiurgo em operação no cosmos.” Para um estudo detalhado a respeito dos *logoi* na metafísica de Jâmblico vide: MANOLEA, 1998.

povo, imitando a natureza do cosmos e dos poderes demiúrgicos dos deuses...”. Procede, então, a uma alusão à capacidade dos egípcios de identificar e direcionar as formas na manipulação do *symbolon* para estabelecer a conexão com o divino no ritual. Jámblico, de fato, mostra seu comprometimento com essa ideia de que os rituais teúrgicos conduzem o praticante a esse tipo de harmonia cooperativa com as entidades divinas. Para esse modelo ser viável, ele deve manter o princípio de que a imagem e forma estão unidas: o *eikôn* é entendido como a manifestação mediando os princípios ocultos ou *symbolon*.

Uma possível resposta às acusações de Porfírio, de que a Teurgia seria apenas tentativa de manipular os deuses, pode ser encontrada apenas nas passagens acima, pois sugerem um meio pelo qual o teurgo possa ser envolvido numa cooperação harmônica com o trabalho do demiurgo. Todavia, ao final do Livro I, Jámblico distancia ainda mais a Teurgia de tais acusações ao alinhá-la com as atividades demiúrgicas:

Não estava esse culto estabelecido por lei no começo, intelectualmente, de acordo com as ordenações dos deuses? Ele imita a ordem dos deuses (*μιμείται δὲ τὴν τῶν θεῶν τάξιν*), tanto a inteligível quanto a dos céus. Ele possui as medidas eternas do que verdadeiramente existe (*μέτρα τῶν ὄντων αἰδία*) e maravilhosos símbolos (*συνθήματα θαυμαστά*), tais como têm sido enviados para cá pelo criador e pai de todos, por meio dos quais as verdades indizíveis (*τὰ μὲν ἄφθεγκτα*) são expressas através de inexprimíveis símbolos (*διὰ συμβόλων ἀπορρήτων*) secretos, seres além das formas trazidos sob controle da forma, coisas superiores a toda imagem reproduzida pelos sentidos, e coisas trazidas para a completude através de uma única causa divina, que em si transcende de longe as paixões de maneira que a razão é incapaz de apreendê-la. (*De Myst.*, I.21.65,2-11)

Os rituais teúrgicos são, para Jámblico, uma imitação da ordem divina, concepção essa que não pode ser confundida como a mera manipulação de forças transcendentais por ordens inferiores. Ela é estabelecida “de acordo com as ordenações divinas... possui as eternas medidas do que realmente existe”, aqui equivalentes aos “maravilhosos símbolos-chave”. Esses *synthêmata* são os meios para dar expressão exterior às verdades inexprimíveis. Interessante que essa expressão exterior é compreendida através de símbolos secretos, que são em si, também, inexprimíveis. Note-se que tanto os *synthêmata* quanto os *symbola* apresentam funções mediadoras num mesmo processo, o de manifestar as verdades ocultas no mundo sensível. Parece que Jámblico realmente equivale *synthêma*

e *symbolon*, onde *symbolon* é o lado “teúrgico”, ou lado conceitual do *synthêma*, ou seja, o que a forma na realidade se “torna” quando aplicada pelo teurgo no ato de cooperação demiúrgica: uma forma transformada em uma conexão intercambiável efetiva que habilita a participação do teurgo no reconhecimento dos moldes do cosmos manifesto. A noção de equivalência entre os termos *symbolon* e *synthêma* é sustentada também em outra passagem:

O teurgista, através dos poderes dos símbolos inefáveis (*διὰ τὴν δύναμιν τῶν ἀπορρήτων συνθημάτων*), comanda entidades cósmicas não mais como um ser humano ou empregando uma alma humana, mas, existindo sobre elas na ordem dos deuses, usa coerções maiores do que são consistentes com a sua própria essência - não, todavia, com implicação de que ele iria realizar o que ele afirma, mas usando tais palavras para instruí-los do quanto, quão grande e que tipo de poder ele detém através de sua unificação com os deuses, que ele ganha através do conhecimento dos símbolos inefáveis (*ἀπορρήτων συμβόλων ἢ γνῶσις*). (*De Myst.*, VI.6.246,12-247,5)

A maestria do teurgista de comandar entidades cósmicas (*ἐπιτάττει τοῖς κοσμικοῖς*) “através dos poderes dos inefáveis” é uma maestria obtida por ele pelo “conhecimento dos símbolos inefáveis”. A passagem anteriormente citada (*De Myst.*, I.21.65,2-11) sugere, no entanto, que é a “*gnosis*” dos inefáveis *synthêmata*, que garante o acesso ao poder efetivo dos *symbola*. Tais inversões reafirmam a visão de que *symbolon* e *synthêma* são termos cambiáveis, talvez um com uma ênfase mais teúrgica e outro mais filosófica, porém com força equivalente ao mundo das formas.

Essa articulação desenvolverá, mais tarde, o paralelo sagrado-cosmogônico evidente, primeiramente, na passagem de enaltecimento dos sacerdotes egípcios. Ou seja, em vez de assumir o mundo sensível e sua formação demiúrgica como uma analogia para Teurgia, Jâmblico escreve sobre a prática teúrgica como se fosse correspondente à criação cósmica: o ritual teúrgico espelha a ordenação demiúrgica do mundo material. Fica claro, quando Jâmblico escreve sobre “seres além das formas trazidos sob o controle da forma” e “coisas superiores a todas as imagens reproduzidas através de imagens”, ou tudo o que emana através de uma única e última influência de “uma única causa divina”, que a sua linguagem pretende agora ser aplicada com força equivalente tanto na prática teúrgica como no trabalho demiúrgico de criação. É em noções como as “intelecções invisíveis” e “*logoi* invisíveis” que se encontra o esforço de uma linguagem para ao menos apontar às “inexprimíveis verdades”, uma linguagem de

um mundo sensível que dê a expressão e forneça a articulação ao que poderia de outro modo ser considerado silenciosamente transcendente, todavia, ao mesmo tempo mantendo-se num mesmo território filosófico. As mesmas pressuposições sobre princípio-forma e manifestação material são aplicáveis, a única diferença seria que Teurgia é agora uma *technê* na qual os *symbola/synthêmata* se expressam em *eikôn*, ou seja, o *symbolon* possui um *eikôn* sob o aspecto de sua plena visibilidade. Todos podem perceber a “imagem”, embora nem todos possam perceber a “imagem” como um “símbolo”.

Em outra passagem crucial para completar o entendimento desses termos utilizados por Jâmblico, ele emprega diretamente o problema da percepção do divino no mundo sensível. Aqui Porfírio diminui a confiança no *eikôn* como uma “verdadeira” manifestação da realidade – ele argumenta que a possibilidade do divino se manifestar de modo fidedigno no mundo sensível é um pré-condicionamento tolo para crer na viabilidade de uma coerção ou manipulação “encósmica”, implicando, com isso, que a Teurgia emprega uma falsa confiança na percepção:

Garantindo, assim, que a ignorância e o engano são falhos e ímpios, não segue a isso que as oferendas feitas aos deuses, e trabalhos divinos, sejam inválidos, pois não é o pensamento puro que une o teurgista aos deuses. Afinal, o que então impediria aqueles que são filósofos teóricos de desfrutar uma união teúrgica com os deuses? Mas a situação não é essa: é a realização de atos a não serem divulgados e além de toda concepção, e o poder de símbolos (*συμβόλων*) inexprimíveis, entendidos somente pelos deuses, que estabelecem a união teúrgica. Sendo assim, não trazemos essas coisas pela inteligência apenas; pois se assim fosse sua eficácia seria intelectual, e dependente de nós. Mas nenhuma dessas hipóteses são verdadeiras. Porque mesmo quando não estamos engajados em inteligência, os símbolos (*συνθήματα*) em si mesmos, e por si mesmos realizam seus trabalhos adequadamente, e os poderes inefáveis dos deuses, aos quais esses símbolos se relacionam, em si reconhecem as suas próprias imagens (*εικόνας*), não por terem sido estimulados pelos nossos pensamentos. Pois não está na natureza das coisas que contêm serem estimuladas pelas coisas contidas nelas, nem das coisas perfeitas pelas coisas imperfeitas, nem mesmo do todo pelas partes. Portanto, não é sequer através de nossa inteligência que as causas divinas são chamadas à atualidade; mas é necessário que essas e todas as melhores condições da alma e nossa pureza ritual pré-exista como causas auxiliares; mas as coisas que apropriadamente estimulam a vontade divina são os próprios símbolos (*συνθήματα*) divinos. E com isso,

a atenção dos deuses é despertada por eles mesmos, recebendo, não de um ser inferior, qualquer princípio para si de sua atividade característica. (*De Myst.*, II.11.96,9-97,7)

Em resposta a Porfírio, Jámblico argumenta que “não trazemos essas coisas pela inteligência apenas”; em vez disso, é o “poder de símbolos inexprimíveis, entendidos somente pelos deuses, que estabelecem a união teúrgica”. Os *symbola* divinos, nessa passagem onde é expressa a equivalência de seu papel com o termo *synthêmata*, “por si mesmos realizam seus trabalhos adequadamente”. Além disso, em um movimento sugestivo desse emaranhado de definições, Jámblico nota que os poderes divinos, “aos quais esses [*synthêmata*] se relacionam”, reconhecem nos *synthêmata* “as suas próprias imagens (*eikónas*)”. Aqui o *eikôn* quase parece ser fundido ao mesmo âmbito de definição que os *symbolon-synthêma*, uma aplicação que sugere uma súbita intenção de Jámblico em quase eliminar uma distinção entre essência e manifestação. A imagem é para ser entendida como algo divino ao lado da forma.

Teurgia é, portanto, uma atividade divina, na qual o teurgo pode ser reunido em assimilação aos agentes divinos pela correta identificação dos *eikonas/symbola* reconhecidos pelo poder divino como “as próprias imagens de si mesmos”, para os quais o poder divino se volta convocando “causas divinas... para atualidade”, sendo essencialmente ativamente presente. Foi simplesmente necessário para Jámblico defender a legitimidade da divindade na experiência das imagens e representações, pois a base de sua articulação da Teurgia baseia-se na premissa que elas são a face de uma conexão intercambiável com o divino, o *symbolon-synthêma* do divino. Dentro desse escopo, a eficácia da ritualística pode ser defendida.

Por meio da identificação com o símbolo, e o gradual conhecimento despertado pelo ritual, o símbolo se torna o simbolizado, que se encontrava “oculto” na estrutura simbólica (i.e., o *eikôn*), e que esta nunca deixou de expressar.

Pois o símbolo visual não é um sinal convencional, mas conectado pela rede de correspondências e afinidades com a essência supra celestial que a incorpora, é consistente esperar que ele participe, não somente do “significado” e “efeito” do que ele representa, mas também que se torne intercambiável com ele. (GOMBRICH, 1948, p.176)

A essência que habita escondida no símbolo em seu estado potencial requer ativação, que ocorre por meio do ritual. E essa mesma essência, ou

princípio arquetípico, expressa-se por uma relação mútua, evidenciando-se pelo símbolo e pela nossa participação nele. A expressão do princípio é possível graças à mediação simbólica e à identificação com o símbolo, ambos reativados pela exegese do ritual.

Na perspectiva filosófica de Jâmblico, a eficácia dos rituais teúrgicos é defensável dentro de uma estrutura intelectual em que se encontram inerentes a imagem e forma simbólica, *eikôn* e *symbolon-synthêma*. Tal posição é possível e válida somente dentro dos termos dessa metafísica em particular, onde a realidade sensível encontra-se integrada ao divino. Como Jâmblico cuidadosamente explica: “[a Teurgia] não atrai os deuses impassíveis e puros para o que é passivo e impuro, mas, pelo contrário, faz de nós, que nos tornamos passivos através da geração, puros e imutáveis” (*De Myst.*, I.12.42,1-4).

[Recebido em agosto/2019; Aceito em setembro/2019]

BIBLIOGRAFIA

- ADDEY, C. *Divination and Theurgy in Neoplatonism. Oracles of the Gods*. Farnham UK; Burlington, VT: Ashgate, 2014.
- FINAMORE, J. Iamblichean Dream Theory. In: BERCHMAN, R.M. (ed.). *Mediators of the Divine: Horizons of Prophecy, Divination, Dreams and Theurgy in Mediterranean Antiquity*. Atlanta, GA: Scholars Press, 1998, p.155–164.
- GOMBRICH, E. H. *Icones Symbolicae: The Visual Image in Neo-Platonic Thought*. *Journal of The Warburg and Courtauld Institutes*, n.11, 1948, p.163-192.
- JÂMBLICO. *De Anima*. Text, translation, and commentary by John F. Finamore and John M. Dillon. Leiden, Boston: Brill, 2002.
- _____. *De Mysteriis*. Translated with an introduction by Emma C. Clarke, John M. Dillon and Jackson P. Hershbell. Leiden, Boston: Brill, 2004.
- _____. *Iamblichi Chalcidensis: In Platonis Dialogos commentariorum Fragmenta*. Edited with translation and commentary by John M. Dillon. Leiden: Brill, 1973.
- MANOLEA, Ch. Panagiota. Iamblichus on reason-principles. *Parnassos*, v.40, p.163–170, 1998.
- SHAW, G. *Theurgy and the Soul: The Neoplatonism of Iamblichus*. University Park, Pennsylvania: Penn State University Press, 1995.
- STRUCK, P. T. *Birth of the Symbol: Ancient Readers at the Limits of Their Texts*. Princeton: Princeton University Press, 2004.